



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Transição Agroecológica e suas controvérsias

Evandro de Oliveira Lucas¹

Wandoir Sehn²

Régis Dattein Solano³.

Resumo

A agroecologia surge como um caminho que está sendo trilhado por uma série de atores críticos à agricultura convencional, oferecendo uma resposta às mudanças climáticas e promovendo a transição de sistemas intensivos para alimentares sustentáveis. No entanto, o conceito de transição agroecológica carece de consenso, sendo alvo de controvérsias e múltiplas interpretações que dificultam sua compreensão e aplicação. Este trabalho propõe discutir a polissemia do conceito de agroecologia, reconhecendo a existência de múltiplas "agroecologias" em sua compreensão, mas com uma intencionalidade comum em sua proposta. As diversas interpretações do termo, que geram controvérsias, são reflexo dos contextos locais onde a agroecologia é construída. Dessa forma, a agroecologia incorpora características profundamente enraizadas nas práticas locais e nos territórios onde emerge. O trabalho propõe estudos agroecológicos focados nas práticas e conhecimentos gerados por atores locais, que contribuam para a construção de caminhos viáveis para a transição agroecológica. Utilizando a Perspectiva Orientada aos Atores como abordagem metodológica, temos como central no trabalho o papel presente na diversidade de práticas agroecológicas desenvolvidas nos territórios. Reconhecemos que a agroecologia, sendo um processo socialmente construído, está enraizada em práticas, recursos e conhecimentos específicos, moldados pelas interações entre os diversos atores envolvidos.

Palavras-chave: Agroecologia; Atores Sociais; Território; Mudanças Climáticas; Conhecimento

¹ Doutorando no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural - PGDR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, Brasil. Contato: evandrodeoliveiralucas@gmail.com

² Doutorando no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional - PPGDR, Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Santa Cruz do Sul, Brasil. Contato: wando.sehn@gmail.com

³ Doutorando no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional - PPGDR, Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Santa Cruz do Sul, Brasil. Contato: regissolano157@gmail.com





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Agroecological transition and its controversies

Abstract

Agroecology has emerged as an alternative that is being followed by a number of actors who are critical of conventional agriculture, offering a response to climate change and promoting the transition from intensive systems to sustainable food. However, the concept of agroecological transition lacks consensus, being subject to controversy and multiple interpretations that make its understanding and application difficult. This paper aims to discuss the polysemy of the concept of agroecology, recognizing the existence of multiple “agroecologies” in its understanding, but with a common intentionality in its purpose. The various interpretations of the term, which generate controversy, reflect the local contexts in which agroecology is constructed. In this way, agroecology incorporates characteristics deeply rooted in local practices and in the territories where it emerges. The paper proposes agroecological studies focused on the practices and knowledge generated by local actors, which contribute to the construction of viable paths for the agroecological transition. Using the Actor-Oriented Perspective as a methodological approach, we focus on the work or role present in the diversity of agroecological practices developed in the territories. We recognize that agroecology, being a socially constructed process, is rooted in specific practices, resources and knowledge, shaped by the interactions between the various actors involved.

Keywords: Agroecology; Actor-Oriented Perspective; Territory; Climate Change; Knowledge





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

1 Introdução

A agroecologia é uma ciência que vem sendo construída ancorada na necessidade de superar as crises provocadas pelo modelo convencional de agricultura. A perda da fertilidade de solos, a dependência externa de insumos para produção, o uso excessivo de agrotóxicos, a diminuição na biodiversidade e o aumento de desmatamento, são alguns dos problemas causados por esse modelo de produção no que se refere a uma questão ambiental.

Além destes, há a presença de problemas sociais que se revelam junto a este modelo produtivo. Uma agricultura especializada requer alto nível tecnológico, o qual, na maior parte das vezes, é acessado por um pequeno contingente de agricultores. Ou seja, há um cenário que leva à concentração de terras, havendo um espaço extremamente limitado para a sobrevivência da agricultura familiar.

Um caminho para a formação de uma nova geração de agricultores familiares perpassa pelo fortalecimento da agroecologia e de sua capacidade de resiliência diante das mudanças climáticas, entretanto, sua definição ainda está longe de um consenso, existindo um cenário altamente desafiador na construção de um consenso, que se expressa tanto no meio acadêmico quanto no meio político.

Norder et al. (2016) destacam que, após a noção de agroecologia passar a ser empregada em um número expressivo de países, se levou a uma expressiva polissemia no uso do termo. Eles chamam a atenção para o fato que, em alguns casos, encontram-se críticas à imprecisão e às confusões geradas em determinados espaços de debate acadêmico e político.

A busca por uma definição mais clara sobre agroecologia e ruptura com suas controvérsias certamente ainda vai estar presente nos meios científicos e políticos.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Apesar disso, não vemos uma grande necessidade de achar um único conceito. Partimos do pressuposto de que agroecologia precisa ser compreendida como uma construção social e, como tal, vai percorrer diferentes caminhos nos locais em que será desenvolvida.

A abordagem que considera a transição agroecológica como uma intervenção planejada aponta apenas um caminho; contudo, a agroecologia é construída a partir de muitos contextos diferentes. Ela deve ser compreendida como uma construção social que emerge através das interações que se estabelecem entre atores, recursos, atividades e lugares nos processos de desenvolvimento rural (SCHMITT, 2013).

Propomos neste trabalho uma discussão sobre algumas das abordagens presentes no que se refere a estudos sobre agroecologia, diante disso, consideramos não haver uma única agroecologia verdadeira e genuína, mas sim múltiplas construções científicas, que possuem em comum o propósito de construir alternativas às crises que vão sendo criadas pelo modelo de produção convencional/moderno/industrial. Diante disso, chamamos atenção para o papel dos atores no que se refere à construção da agroecologia, compreendendo que será a partir deles e de sua relação com seu território que serão desenvolvidas práticas agroecológicas. Com isso, ela corresponde a múltiplas respostas dada em relação a um problema comum: a crise da agricultura moderna.

Buscamos definir traçados metodológicos que partam do cotidiano dos agricultores familiares, expressos em suas práticas, para apontar quais caminhos que levam a processos de transição agroecológica, assim, situando as suas controvérsias ao entendê-la como uma ciência não pura, que é feita em ambientes complexos no qual continuamente choca-se com práticas presentes na agricultura convencional.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

2 Agroecologia (s): Uma discussão polissêmica

A agroecologia é uma ciência que surge para orientar a conversão de sistemas produtivos desenvolvidos após o período da modernização da agricultura, definido como Revolução Verde, para sistemas produtivos mais diversificados e menos dependentes de insumos externos. Segundo Altieri (2009) a agroecologia é a ciência fundamental para orientar a conversão de sistemas convencionais de produção (monoculturas dependentes de insumos agroquímicos) em sistemas mais diversificados e autossuficientes.

Caporal (2011) identifica na agroecologia a capacidade de impulsionar mudanças substanciais na agricultura e no meio rural. O autor considera que a agroecologia se constitui como um campo do conhecimento científico que possui um enfoque holístico e de uma abordagem sistêmica. A agroecologia tem surgido como uma nova abordagem para o desenvolvimento agrícola que é mais sensível às complexidades da agricultura local (ALTIERI, 2009).

Gliessman (2009) propõe 3 níveis para formular transições agroecológicas, sendo essa uma abordagem amplamente utilizada, que consistia em 1) aumentar a eficiência de práticas convencionais a fim de reduzir o uso e o consumo de insumos escassos, caros ou ambientalmente danosos; 2) substituição de insumos e práticas convencionais por práticas alternativas; e 3) redesenhar o agroecossistema de forma funcione baseado em um novo conjunto de processos agroecológicos. O autor atualizou sua abordagem incorporando a ela mais dois níveis, que consistem em: 4) as conexões entre produtores e consumidores são fortalecidas para apoiar a transformação socioecológica do sistema alimentar e, 5) através de uma transformação ainda mais profunda e ampla de políticas, regras, instituições e cultura





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

que se concentra na justiça social, democracia e outras mudanças amplas (GLIESSMAN, 2016).

Para Anderson et al. (2021) a dinâmica nos níveis 4 e 5 é geralmente referida em termos gerais, sendo raro ver uma descrição concreta de como transformações dessa magnitude acontecem ou a dinâmica de poder subjacente. A proposta realizada por Gliessman presta uma grande contribuição para a agroecologia. Destacamos, que durante essa travessia de níveis há dinâmicas presentes nos territórios que atravessam às transições realizadas pelos agricultores, não sendo possível construir uma agroecologia pura, livre das dinâmicas convencionais, pelo contrário, ela estará tensionando o sistema o sistema alimentar dominante de forma a construir respostas situadas a longo prazo.

Anderson et al. (2021) propõem que em vez de adotar modelos como níveis lineares de transição, seja utilizada uma perspectiva que coloca vários níveis nas transições de sustentabilidade como uma estrutura adequada para estudar dialética e transformações agroecológicas emergentes. A proposta realizada pelos autores considera processos não lineares que resultam da interação de desenvolvimentos em três níveis analíticos (nichos, regimes dominantes e paisagem exógena), e apontam que qualquer noção de construir alternativas completamente autônomas no fundo é ingênua.

Para Wezel et al. (2009) existe uma certa confusão no uso do termo agroecologia. Eles apresentam três definições: ciência, movimento e prática, destacando que o termo depende fortemente da evolução histórica e epistemológica de cada país em que a mesma se desenvolveu. Méndes; Bacon; Cohen (2013) se colocam em desacordo com a ideia de que não há linhas claras entre as perspectivas





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

agroecológicas existentes, e sustentam que sua representação como algo confuso ignora aspectos importantes de sua evolução como campo de conhecimento.

Em alguns países, especialmente no Brasil, a Agroecologia vem figurando, e de forma cada vez mais acentuada, não apenas como ciência, prática e movimento social, mas também como diretriz de políticas governamentais e como parte do sistema de educação formal. Há concepções que associam a Agroecologia a modo de vida, ética, ideologia ou utopia (NORDER, et al. 2016).

Villar et al., (2013) destaca que no Brasil a agroecologia encontrou eco no mundo científico nos anos 2000, com raízes profundas nos movimentos de agricultura alternativa, no qual a ABA-Agroecologia possui papel decisivo. Naquele período a agroecologia começou a ser entendida como um enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis (CAPORAL; COSTABEBER, 2004). No início dos anos 2000, a agroecologia como disciplina científica ampliou seu enquadramento em uma terceira fase, indo além da fazenda para o estudo da produção, distribuição e consumo de alimentos (PIMBERT et al., 2021).

Através das percepções da antropologia econômica Pimbert et al., (2021) identificam um caminho para os agroecologistas pensarem “fora da caixa” e imaginar a possibilidade radical de criar formas de troca econômica fora do capitalismo mercantil dominante que sustenta os sistemas agroalimentares globais e o uso da terra. Para os autores a agroecologia é cada vez mais vista como uma alternativa ao sistema agroalimentar industrial global corporativo





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Ao contrário da maioria da pesquisa e desenvolvimento agrícola, as abordagens agroecológicas buscam conscientemente combinar o conhecimento dos agricultores camponeses e dos povos indígenas com as últimas descobertas da ciência ecológica (PIMBERT, et al. 2021). A agroecologia reconhece e se nutre dos saberes, conhecimentos e experiências dos agricultores (as), dos povos indígenas, dos povos da floresta, dos pescadores (as) e das comunidades quilombolas (CAPORAL, 2011).

Agricultores familiares que buscam uma transição agroecológica normalmente são confrontados pelas próprias políticas do Estado brasileiro, altamente direcionadas para um modelo produtivo agroexportador. Neste aspecto é necessário pensar sobre o lugar que ocupam agricultores familiares que já estão trabalhando em agricultura regida por contratos. A agroecologia é uma proposta que permite a emancipação político-social dos agricultores (SEVILLA GUZMÁN, 2017) que até então estavam aliciados pelo projeto de desenvolvimento político hegemônico, contudo, ela existe e resiste em condições extremamente desafiadoras.

No contexto brasileiro, a agroecologia é a resposta de atores que historicamente foram oprimidos por elites agrárias, e corresponde a um outro caminho de desenvolvimento rural, alternativa ao modelo agroexportador. A construção dela ocorre no campo pelas mãos de agricultoras e agricultores que muitas vezes resistem de forma isolada, sem qualquer política pública do Estado, ou apenas com uma pequena parcela dos recursos públicos destinados ao financiamento da agricultura, sendo boa parte para financiar um modelo que financia a intensificação da exploração da natureza.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Considerada uma ciência transdisciplinar (MÉNDEZ; BACON; COHEN, 2013) a agroecologia possibilita que sejam construídas pesquisas de diversos campos do conhecimento, com pontos de partidas semelhantes, mas resultados distintos. Apesar de boa parte dos trabalhos realizados nas ciências agrárias limitar a agroecologia a uma transição realizada em nível de propriedade, é importante ver a agroecologia não somente como um modo de produção e de vida, mas também como uma resposta às crises ambientais provocadas pelo modelo de produção implantado após a revolução verde.

Os agroecologistas que buscam transformar o sistema agroalimentar dominante frequentemente precisam ampliar sua imaginação social, adotando abordagens fora do capitalismo, colonialismo, racismo e patriarcado (PIMBERT et al., 2021). Enquanto a agroecologia busca avançar enquanto alternativa ao regime dominante, ele segue avançando na busca por padronizar todos os aspectos do sistema alimentar para permitir a industrialização, diminuir os custos de produção e aumentar os lucros, com isso, esse impulso em direção à uniformidade ocorre não apenas na agronomia (monoculturas de sementes, safras e pecuária), mas também no apagamento de diversos sistemas de conhecimento, mercados e agroecossistemas territoriais (ANDERSON et al., 2021).

A polissemia expressa nas discussões realizadas sobre agroecologia se faz por meio de visões distintas de mundo, além disso, expressa realidades diferentes dos locais em que foram produzidas. Em alguns casos ela pode ter um papel político, como na luta por políticas públicas realizadas no Brasil, em outros pode ser considerado aspectos mais acadêmicos, orientados pela validação de práticas e conhecimentos desenvolvidos por agricultores. É possível que seja entendida como





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

uma forma de resistência, ou em outros casos como uma alternativa coletiva para enfrentar a crise ambiental.

Em trabalho realizado por Loconto; Fouilleux (2019) sobre como o conhecimento agroecológico circula no Diálogo Global da FAO, os autores apresentam como problemática central a coprodução de uma agroecologia global que busca ser ao mesmo tempo uma forma de resistência e uma política legítima e transformadora e apontam que a agroecologia não tem uma definição fixa, mas é constantemente coproduzida por meio de processos políticos de conhecimento e de formulação de políticas.

É fato de que não falamos em uma única agroecologia, são agroecologia(s), às quais carregam consigo traços do local onde ganha vida. Percebemos que as controvérsias são a consequência de uma agricultura que tem junto a si a ação de atores que estão engajados em fazer ao diferente. Nesse caso, há uma preocupação comum sobre os impactos ambientais e sociais causados por um modelo voltado unicamente na produtividade e lucro.

A agroecologia é inseparável de suas controvérsias e da polissemia expressa em seu conceito. Observamos que ela contribui ao manter o debate sobre a transição de um sistema sociotécnico dominante na agricultura para algo alternativo. Norder et al. (2016) enfatizam o papel central das controvérsias e do debate público para a construção social do conhecimento sobre as inovações científicas e tecnológicas. Diante disso, propomos uma abordagem centrada nas linhas de fuga que os atores traçam aos sistemas dominantes. Vemos que através delas será possível construir uma ciência agroecológica, a qual não vai eliminar o modelo sociotécnico vigente, no entanto, vai permitir a construção mudanças essenciais para a sociedade.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

3 O papel dos atores na construção da agroecologia

A disputa em torno do conceito de agroecologia e a tentativa de resolver a polissemia dos termos e definições acabam afastando-a sistematicamente dos atores que a praticam no cotidiano. A ciência, essencial para a construção de uma epistemologia agroecológica, deve partir do cotidiano dos atores. Só assim será possível conceber os diferentes percursos que conduzem uma ação prática agroecológica.

A ciência não se separa do modo de vida dos atores, porém o conhecimento científico não deve ser visto como um espelho transcendente da realidade. Ele tanto ajuda a enraizar, como está enraizado, em práticas sociais, identidades, normas, convenções, discursos, instrumentos e instituições (JASANOFF, 2004a). A agroecologia, diante disso, resulta do encontro entre o mundo científico e o mundo das práticas, ambos com o desafio de construir uma resposta à crise gerada pelo modelo de agricultura dominante.

A transição agroecológica é o caminho seguido por agricultores na busca de uma evolução do modelo convencional para o agroecológico. Trata-se de um processo dinâmico, plural e aberto, impulsionado pela intenção dos atores sociais de promover mudanças nos sistemas agrícolas por meio de transformações sociotécnicas nos regimes vigentes. Ao longo desse percurso, os atores sociais percorrem diferentes trajetórias, com alguns até desistindo e retornando à agricultura convencional. Analisar como esse caminho é trilhado, com ênfase nas práticas e conhecimentos gerados ao longo do processo, é uma estratégia crucial para compreender o que mobiliza esses processos.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

As transições sociotécnicas podem ter o poder de ir além dos aspectos produtivos, e promover a construção de um movimento que traça linhas de fuga ao que é hegemônico, algo que pode ser identificado a partir de mudanças em práticas do cotidiano. A partir disso, é possível reconhecer as mudanças, transformações ou mutações por meio das vivências, práticas sociais e discursivas e interações sociomateriais presentes no dia a dia, algo que possível de ser realizado em estudos etnográficos (ARCE; CHARÃO-MARQUES, 2020).

Arce; Charão-Marques (2020) propõe traçados metodológicos que contribuem para reposicionar de forma analítico-prática estudos etnográficos do desenvolvimento para além do exclusivo domínio humano. Ao analisarem a implementação de pacotes tecnológicos no México, os autores constataram que os efeitos imprevisíveis da modernização da agricultura fazem emergir a capacidade – força – material da relação produtor-milho-território, definindo-a como uma nova ‘criatura’ humana, biológica e territorial. Os autores ainda consideram que os estudos etnográficos devem objetivar como o mundo de vida dos atores muda e como se expressam as metamorfoses dos territórios.

Os estudos etnográficos revelam-se uma abordagem eficaz para investigar o desenvolvimento da agroecologia em toda a sua complexidade. Eles vão além de aspectos técnicos, abrangendo também as dinâmicas sociais, políticas, ambientais e culturais que influenciam e moldam sua evolução. O território, como algo dinâmico, está sempre em movimento e transformações, as quais não necessariamente apontam para disrupções em torno de práticas, mas sim de mudanças sobre a forma com que são feitas.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

A relação entre atores sociais e o mundo territorial garantem a identificação das interfaces e ensamblagens, as quais ocorrem como resultado do colapso da relação tempo-espço, continuidades e descontinuidades, geradas pelos processos de desenvolvimento (ARCE; CHARÃO-MARQUES, 2020). Parte das controvérsias que se criam frente a definição da agroecologia está envolto em suas dinâmicas territoriais, ou seja, ela é criada por atores que vivem em contextos culturais e ambientais diferentes, resultando em interpretações distintas que refletem as dinâmicas locais.

A agroecologia, e tudo o que se cria ou produz a partir dela, é desenvolvida por meio de um diálogo intercultural respeitoso entre cientistas, agricultores e cidadãos, baseando-se nas prioridades, conhecimentos e culturas das pessoas (PIMBERT et al., 2021). A definição de coprodução se aplica à construção da ciência agroecológica, uma vez que seu desenvolvimento está sempre ancorado em processos contínuos de discussão e negociação, nos quais os atores exercem seu agenciamento.

Long; Ploeg (2011) destacam que atores sociais constroem iniciativas inovadoras a partir da desconstrução de determinadas tecnologias. A partir disso, através de uma combinação seletiva com elementos locais, são caracterizados os modos de fazer agricultura. A inovação social é a resposta de atores vulneráveis, através das suas estratégias e experiências, para problemas complexos que cercam sua existência (ARCE, 2013).

Esta existência que ocorre dentro de seus territórios é marcada por relações complexas vividas pelos atores. Eles constroem respostas através de suas práticas cotidianas como forma desviar de problemas que surgem frente aos modelos

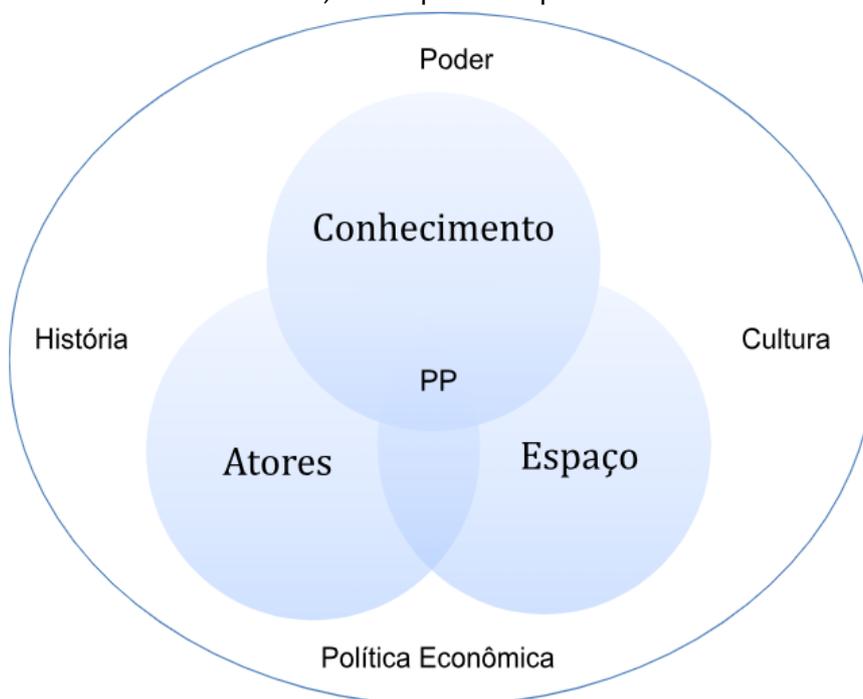


Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

hegemônicos. McGee (2004) aponta que a interação entre atores, conhecimentos e espaços políticos é dinâmica e complexa. Para a autora não são três dinâmicas independentes, mas sim interligadas, possuindo em seu centro (na intersecção) o processo político. Adicionalmente, ela aponta que sua interação não ocorre no vácuo, e acontece em um contexto que atravessa a história, cultura, economia política, a política, e principalmente as relações de poder que moldam todos os aspectos do contexto, inclusive o próprio espaço político e como os atores e o conhecimento se interrelacionam. Na figura 1, é apresentada uma adaptação do esquema elaborado pela autora.

Figura 1: Proposta analítica de McGee (2004) considerando a interação entre atores, espaço e conhecimento, com o processo político no centro



Fonte: Adaptado de McGee (2004)



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

McGee (2004) destaca que os atores têm opiniões, interesses e exercem agência, e, portanto, suas práticas não são regidas simplesmente por fatores externos. A capacidade dos atores de exercer agência permite influenciar o processo político. Nesse contexto, a agroecologia surge como uma das possibilidades de agência exercida pelos atores. Além disso, é importante reconhecer que o contexto em que esses atores vivem pode gerar diferentes crises, por conseguinte, diferentes respostas aos problemas enfrentados.

Pimbert et al. (2021) destacam que as transformações agroecológicas são geralmente informadas pelo conhecimento político derivado da experiência de opressão e expropriação, de “desenvolver-se” e da neocolonialidade. Os autores apontam que a agroecologia pode corresponder a um espaço que enseje a descolonização do conhecimento.

Apesar da agroecologia corresponder a um espaço que enseje a descolonização do conhecimento, em muitos casos ela não alcança esse status. As experiências agroecológicas, majoritariamente, não se fazem por meio de rupturas completas com os paradigmas modernos de desenvolvimento, estando muitas práticas ensambladas por técnicas consideradas modernas e outras tradicionais.

Observa-se que na maior parte dos agricultores os processos de transição agroecológica vão sendo construídos como uma linha de fuga das amarras criadas pelos regimes dominantes. É importante olhar os fluxos que ocorrem entre práticas, mas sabendo que as práticas não são suficientes para estabelecer o que representa um processo de transição agroecológica. Os mundos que estão nesses processos não são puros, são ensamblados e repletos de contradições, as quais criam e recriam o território ao longo do tempo.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

O processo parte das interfaces entre a prática realizada pelos agricultores e a ciência agroecológica, e com isso vai sendo coproduzido gradualmente mudanças territorialmente. Esse processo é contínuo e ininterrupto, com caminhos que podem levar a transições que rompam com a agricultura convencional, ou podem ter frustrações e retorno ao *status quo* anterior ao início da transição.

Ao longo dos processos de transição agroecológica podem se formar ou fortalecer essas ações por meio de movimentos agroecológicos, resultantes em redes compostas por uma multiplicidade de atores, que estão emaranhados com práticas construídas no paradigma da modernização agrícola. A agroecologia será constantemente coproduzida nas interfaces de conhecimentos entre esse grupo de atores com grupos resistentes a essa perspectiva.

A partir da realidade supracitada, é essencial que os estudos sejam orientados pelos próprios atores, reconhecendo que a modernização do território não é um processo homogêneo. Para analisar e compreender as situações manifestadas nos territórios, é fundamental que os estudos sobre processos agroecológicos evitem a dicotomia entre agroecológico e convencional, moderno e tradicional, dominante e resistente. É necessário entender o território a partir de uma perspectiva evolutiva, na qual a agroecologia é construída e moldada pelo cotidiano dos atores, ultrapassando o âmbito das técnicas e englobando diretamente processos políticos e culturais em espaços carregados de história e poder.

Nem a ciência nem a sociedade surgem do nada; ambas operam sobre o pano de fundo de uma ordem preexistente, na qual as pessoas já têm um entendimento pragmático do que constitui natureza ou ciência, e do que define sociedade ou cultura (JASANOFF, 2004b). Petersen (2007) aponta que a sinergia entre cultura e





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

ciência em processos locais de inovação agroecológica dinamizam produzir conhecimentos necessários para as agriculturas evoluírem, fundamentadas na otimização das potencialidades ecológicas locais e na convivência com suas limitações. A existência de uma ciência agroecológica que se desenvolve mediante interfaces entre os agricultores e cientistas aponta um caminho para a construção de uma epistemologia agroecológica local, que esteja enraizada nas dinâmicas sociomateriais presentes no território.

Com isso, reconhecemos haver uma construção gradual de um novo paradigma de desenvolvimento para o campo, expresso na prática de agricultores familiares e povos e comunidades tradicionais, pelas quais vai sendo construído um devir agroecológico. Em sua essência é incompatível com produções realizadas em larga escala, apesar disso, possui capacidade de pautar diálogos ecológicos com uma agricultura convencional. A agroecologia atua como freio à incessante busca por produtividade e lucro do agronegócio. Embora não tenha o poder de transformar por completo o modo de produção dominante, tampouco a lógica produtivista do agronegócio se manterá inabalada, graças à constante capacidade da agroecologia de promover uma reflexão crítica sobre a questão ambiental.

4 Considerações finais

A agroecologia é uma ciência que constrói respostas para diferentes contextos de produção agrícola. A abordagem que considera a transição agroecológica como uma intervenção planejada aponta apenas um caminho, contudo seu desenvolvimento está intrinsecamente ligado à cultura e história de





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

comunidades, das quais emergem diferentes maneiras de entender e processar os processos produtivos predominantes.

Assim, a agroecologia deve ser compreendida como uma construção social que emerge através das interações que se estabelecem entre atores, recursos, atividades e lugares nos processos de desenvolvimento rural (SCHMITT, 2013). Os estudos sobre agroecologia precisam assimilar que as controvérsias são parte do seu desenvolvimento epistemológico como ciência, além disso, seu conceito ainda é alvo de disputa em diferentes países.

Propomos que a agroecologia seja entendida a partir da prática e cotidiano dos atores, pelo qual a ciência agroecológica alimente a prática dos agricultores, da mesma forma que sua prática seja retroalimentada pela ciência, criando assim um diálogo coproducionista. Processos de transição agroecológica são diversos em seus processos, pois há de se levar em consideração a pluralidade dos agroecossistemas em que estes são desenvolvidos.

Não devemos mirar em um fim, mas sim entender por onde devemos começar. Esse começo deve ser determinado na realidade presente no cotidiano dos agricultores familiares. Os primeiros passos presentes em processos de transição estão na construção de uma consciência crítica de agricultores familiares e enraizados em uma racionalidade familiar de fazer agricultura.

Referências

ALTIERI, M. El estado del arte de la agroecología: Revisando avances y desafíos. In: ALTIERI, M. A.; AUXILIAR (Org.). *Vertientes del pensamiento agroecológico: Fundamentos y Aplicaciones*. Medellín, Colombia: Sociedad Científica Latinoamericana de Agroecología (SOCLA), 2009. p. 69–94.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

ANDERSON, C. R.; BRUIL, J.; CHAPPELL, M. J.; KISS, C.; PIMBERT, M. P. Conceptualizing processes of agroecological transformations: from scaling to transition to transformation. *Agroecology Now! Transformations Towards More Just and Sustainable Food Systems*, 2021, 29-46.

ARCE, B. Conocimiento, espacio y actores en la innovación social. In: PAZ, A; MONTOYA, M.P.; ASENSIO, R.H. (Ed.). *Escalando Innovaciones Rurales*. Lima: IDRS, 2013. p. 37-85.

ARCE, A.; CHARÃO-MARQUES, F. Desenvolvimento, materialidades e o ator social: orientações metodológicas para aproximações territoriais. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 29, n. 1, p. 40, 2020.

CAPORAL, F. R. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. In: CAPORAL, F. R.; AZEVEDO, E. O. DE (Eds.). *Princípios e perspectivas da agroecologia*. [s.l.] INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ, 2011. p. 83–120.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. *Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável*. Porto Alegre: EMATER/RS, 2004.

GLIESSMAN, S. *Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável*. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GLIESSMAN, S. Transforming food systems with agroecology. *Agroecology and Sustainable Food Systems*, v. 40, n. 3, p. 187–189, 2016.

JASANOFF, S. The idiom of co-production. In: URRY, J. (Ed.). *States of knowledge*. New York: Routledge, 2004a. p. 1–12.

JASANOFF, S. Ordering knowledge, ordering society. In: URRY, J. (Ed.). *States of knowledge*. New York: Routledge, 2004b. p. 13–45.

LOCONTO, A.; FOUILLEUX, E. Defining agroecology: Exploring the circulation of knowledge in FAO's Global Dialogue. *Jrnl. of Soc. of Agr. & Food*, v. 25, n. 2, p. 116–137, 2019.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

LONG, N. *Sociología del Desarrollo: Una perspectiva Centrada en El Actor*. México: CIESAS, 2007.

LONG, N. E.; PLOEG, J.D.V.D. Heterogeneidade, ator e estrutura: para a reconstituição do conceito de estrutura. In: SCHNEIDER, S; GAZOLLA, M. *Os atores do desenvolvimento rural, perspectivas teóricas e práticas sociais*. UFRGS, 2011. p. 21-48.

McGEE, R. Unpacking policy: actors, knowledge and spaces. In: BROCK, K. (ed.). *Unpacking policy: knowledge, actors and spaces in poverty reduction in Uganda and Nigeria*. Kampala: Fountain, 2004.

MÉNDEZ, V.; BACON, C.; COHEN, R. La Agroecología un enfoque transdisciplinar, participativo y orientado a la acción. *Agroecología*, v. 8, n. 2, p. 9–18, 2013.

NORDER, L.A.; LAMINE, C.; BELLON, S.; BRANDENBURG, A. Agroecologia: polissemia, pluralismo e controvérsias. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 19 (3), p. 01-20, set. 2016.

PETERSEN, P; DIAS, A. *Construção do conhecimento agroecológico: novos papéis, Novas identidades*. Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro: Gráfica Popular; 2007.

PIMBERT, M. et al. No Title. *Oxford Research Encyclopedia of Anthropology*, p. 42, 2021.

SCHMITT, C. J. Transição Agroecológica e Desenvolvimento Rural: um olhar a partir da experiência brasileira. In: SAUER, S.; BALESTRO, M. (Eds.). *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica*. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 177–203.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. Sobre las perspectivas teórico-metodológicas de la Agroecología. *Redes*, v. 22, n. 2, p. 13-30, 2017.

VILLAR, J. P. et al. Os Caminhos da agroecologia no Brasil. In: CARLOS, J.; GOMES, C. (Eds.). *Agroecologia Princípios e reflexões conceituais*. Brasília, DF: EMBRAPA, 2013.

WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. *Sustainable Agriculture*, v. 2, p. 27–43, 2009a.

